

# O *après-coup*, a forma e o informe no trabalho do sonho e as formações do inconsciente. A regressão ao informe e a fábrica de formas\*

Bernard Chervet\*\*, Lyon/Paris

*A partir de sequências clínicas pessoais ou extraídas da obra de Freud, incluindo sua correspondência, o autor segue a regressão formal da fala em sessão e do relato dos sonhos. Essa atividade psíquica regressiva da passividade opõe-se a uma regressão sensual sem forma e permite o encontro com o informe das representações de coisa, caracterizadas por sua maleabilidade. O ponto de contato entre as formas regressivas provenientes do trabalho de deformação de sonho e o informe dos representantes pulsionais funda o caldeirão de uma potencialidade infinita de formações psíquicas. Do confronto com a tendência própria das pulsões a retornarem a um estado anterior, a fugirem do par forma-informe para alcançarem a não forma do amorfo, produzem-se uma regeneração e uma retenção libidinal. A psique se torna então reserva de libido e fábrica de formas. Transformações secundárias tornarão estas últimas apresentáveis à consciência. Essa orientação dos investimentos para o objeto leva a um bônus de desejo sensível às formas do mundo, apto a modelar-se conforme elas e a criar novas.*

*Palavras-chave: après-coup, regressão formal, supereu, formações psíquicas, trabalho de sonho, trabalho do après-coup, bônus de desejo.*

---

\* Publicado originalmente na França: Chervet, B. (2013). L'après-coup, la forme et l'informe dans le travail de rêve et les formations de l'inconscient, la régression à l'informe et la fabrique des formes. *Bulletin de la Fédération Européenne de Psychanalyse*, 67: 82-92. Apresentado em conferência *O après-coup e as formações do inconsciente: sintoma, sonho, palavra de incidência, escuta interpretante, transferência, teorização ou A regressão ao informe e a fábrica de formas*, proferida na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) em agosto de 2014.

\*\* Analista didata e presidente da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP).

Proponho falar no que chamamos, em psicanálise, de *après-coup*, *Nachträglichkeit*. O substantivo feminino alemão *Nachträglichkeit* é um neologismo cunhado por Freud em 1897 a partir de *Nachträglich*, vocábulo do idioma alemão corrente. A tradução em língua francesa faz o mesmo: *après coup* é advérbio e adjetivo e o *après-coup* é substantivo; o *keit* do alemão torna-se um hífen em francês (Chervet, 2009).

Decidi, então, falar desse processo a partir daquilo que constitui nossa prática cotidiana, a realidade das sessões de análise, a palavra associativa, essa atividade psíquica regressiva específica da situação analítica, familiar à nossa escuta cotidiana, regrediente e interpretante, que exige uma atenção flutuante com suspensão de juízo (Freud, 1938 [1940]). Encaixam-se aí os relatos de sonho do analisando e as interpretações do analista. Os dois *après-coup* manifestos, que são a palavra associativa e os relatos de sonhos, transmitem juntos outro *après-coup* latente, a transferência; transferência de tudo o que constitui o funcionamento mental historicamente determinado dos pacientes, mas também transferência das potencialidades à espera de realização. É por essa via que nos é acessível o funcionamento psíquico de um paciente, por suas múltiplas formas de expressão. Do mesmo modo, nossos próprios pensamentos incidentes e nossas interpretações nos informam sobre os *après-coups* da nossa contratransferência (Chervet, 2007).

Em sessão, o trabalho do *après-coup* tem uma forma descontínua que se revela pelos enunciados das palavras, das imagens, das sensações, dos sentimentos. Na maior parte das vezes, esse processo em dois tempos nos escapa. Às vezes, nós o percebemos agir através de uma série de sonhos, lapsos, sintomas, hesitações e obstáculos. Noutras vezes, percebemos que ele se bloqueia; então, o que domina é a repetição, a imobilização, a redução, mas também a exacerbação, a intensificação, o quantitativo (Freud, 1920).

Na vida cotidiana ele produz uma multiplicidade de elementos manifestos. Mas em sessão é sustentado e orientado pela regra fundamental, pelo fato de ter de dizer, de ter de enunciar, ligar à consciência tudo o que se passa numa pessoa, pela palavra, através da linguagem. Seguiremos algumas de suas manifestações concretas: uma sequência associativa, uma construção de contratransferência, uma dinâmica de teorização, um processo de interpretação.

Durante o percurso farei uma breve retomada da descoberta do *après-coup* por Freud, com sua paciente Emma, para entendermos bem esse processo descontínuo, fundador do pensamento humano, gerador do desejo e organizador da sexualidade humana.

## Meu argumento

A regressão formal da palavra de sessão e do relato dos sonhos opõe-se a uma regressão sensual sem forma, que gera sensações. Essas atividades psíquicas da passividade permitem o encontro com o informe das representações de coisa caracterizadas pela sua maleabilidade. O ponto de contato entre essas formas regressivas figurativas e o informe dos representantes pulsionais funda o caldeirão de uma potencialidade infinita de formações psíquicas. A partir da confrontação com a tendência própria das pulsões a retornar a um estado anterior sem forma (Freud, 1920), mas também não informe, produz-se uma regeneração libidinal. A psique torna-se, então, reserva de libido e fábrica de formas. Transformações secundárias tornarão estas últimas apresentáveis à consciência. Essa orientação dos investimentos na direção da consciência conduz, idealmente, a um bônus de desejo capaz de modelar-se nas formas do mundo, nos objetos e de criar novas formas.

## O *après-coup* em sessão

Um paciente chega à sessão e comenta um “pequeno atraso”. No trajeto, ele “esbarrou em duas pessoas no metrô”. Prossegue falando de seu trabalho, de suas reuniões, de uma publicação relacionada com um congresso, de suas relações sempre agitadas com sua companheira, das tentativas repetidas deles de terem um filho, de várias pessoas masculinas da família etc. Depois, lembra-se de dois sonhos deixados até então em latência. O pequeno atraso inseriu-se, então, num ato de sessão. No primeiro sonho aparece um *barman* e no segundo a cidade onde o paciente nasceu. Ele se encontra atrás da clínica de seu nascimento.

Esqueci uma parte dos detalhes, mas conto-lhes o que ficou na minha memória depois da sessão; uma reconstrução, portanto. Assim como os sonhos, as sessões não têm por objetivo permanecer gravadas na memória, tampouco serem escritas. Não há clínica que não seja uma reconstrução pelas teorias explícitas e implícitas do narrador. Não há clínica sem teoria, do mesmo modo que a teoria é uma clínica.

Ouçõ meu paciente deixando repercutir em mim suas palavras a fim de possibilitar a fabricação de uma sequência regressiva formal: *pequeno atraso, esbarrou, metrô*; depois, aquelas que vêm prosseguir com sua saliência, o desígnio de um fio ainda informe.

Para um psicanalista, as reivindicações pulsionais infantis são intuídas se

ele aceitar o desdobramento do duplo sentido das palavras enunciadas. Ao mesmo tempo, todo analista sabe que tais reivindicações nos sonhos e nas sessões mascaram conteúdos excluídos e sentidos de forma traumática. É função do trabalho de sonho e do trabalho associativo fazer esquecer as sensações de desprazer em proveito de uma tentativa de realização alucinatória do desejo, portadora de prazer. Um desprazer é dissimulado por um optativo<sup>1</sup> realizado no presente.

Meu paciente prossegue em seu movimento regressivo formal, falando de um homem que ele conheceu no trabalho, um homem que cheira mal, que “incomoda todo mundo [*en fout<sup>2</sup> plein la gueule au monde*]” com seu cheiro nauseabundo, seu modo de “atacar”, de “encher o saco” [*faire chier<sup>3</sup>*], de agredir etc. O paciente volta a contar que, nessa manhã, ele mesmo esbarrou em duas pessoas; pergunta-se por quê. A reivindicação pulsional continua seu caminho regressivo, anal agressivo penetrante. Ela é, por certo, verbal, embora seus conteúdos evoquem outras modalidades de inscrição, mais diretamente corporais e carnis, sensuais e sensoriais. A regra fundamental é respeitada, assim como sua finalidade, a ligação com a consciência.

Meu paciente expressa-se num tom febril, levemente excitado por sua reivindicação pulsional em conflito com aquilo que, nele, é mantido afastado. Na véspera, ele terminou a sessão com uma frase peremptória, “oh, todos eles enchem o saco”, depois de ter usado durante todo o tempo, sem se dar conta, uma série de palavras escatológicas que lembravam todas elas uma matéria fecal totalmente maleável. Ele parecia deleitar-se com esse malaxar e sovar. Depois de sua exclamação final, eu lhe acrescentei um “É mesmo”, enunciado muito condensado que teve nele um leve efeito traumático, enquanto desfiava sua regressão linguageira, logicamente sem a menor refletividade. Na condição de paciente em análise, seguia a regra fundamental e me delegava a escuta interpretativa complementar e assimétrica. O valor interpretativo da minha intervenção devia-se à inversão passivo-ativo, agida pela minha própria palavra e suscitada por minha amplificação.

No dia seguinte, o retorno da reivindicação da véspera, então pouco acessível

---

<sup>1</sup> N.T.: Cf. o dicionário Houaiss da língua portuguesa (versão eletrônica), *optativo* (*optatif*) diz-se de um modo verbal característico de certas línguas indo-europeias (como o grego e o sânscrito) pelo qual se indica o desejo ou a vontade de que se verifique a ação ou o processo designado pelo verbo. Em português, a função optativa é preenchida pelo modo subjuntivo e, naqueles casos em que a vontade ou desejo tem ou pode tomar caráter de ordem, pelo modo imperativo.

<sup>2</sup> N.T.: Na expressão coloquial *en foutre plein la gueule au monde*, o verbo *foutre* corresponde ao verbo (foder).

<sup>3</sup> N.T.: Na expressão coloquial (ou mesmo vulgar) *faire chier*, que significa *encher o saco*, o verbo *chier* remete a fezes e ao fedor delas.

à interpretação, apresenta-se de maneira mais sutil. Graças aos sonhos, ela se torna suporte de uma transferência diferente daquela de sua única expressividade. A intensidade da moção da véspera não consegue mais saturar seu discurso. Sob o manto da mesma divisão pulsional, transparece, no seguimento do trabalho de sonho, outra reivindicação que fora até então combatida por essa intensidade. A própria forma dos sonhos emite uma mensagem. Dois sonhos na mesma noite tentam tratar de duas formas diferentes o mesmo conteúdo inconsciente. Figuram, além disso, uma relação de causalidade pertencente a esse conteúdo inconsciente, uma teoria infantil.

Essas duas sessões situam-se num período de volta das férias [*retour de vacances*]. O que aí se expressa, portanto, é um *après-coup* de vacância<sup>4</sup> [*vacance*], o *après-coup* de uma vacância. Logo, a reivindicação está ligada a um sentimento de falta, em conexão com a fantasia originária da cena primitiva, o sentimento de exclusão e de decepção.

O fio das associações do meu paciente aparece com maior nitidez se eu levar em conta alguns aspectos contextuais. Dentre eles encontramos sua identidade de analisando, a sessão da véspera dominada por uma fecalidade pulsional direta, a proximidade das férias que acabaram de terminar, a recorrência das associações sobre suas tentativas de ter um filho, uma irmã menor com graves dificuldades desde seu nascimento.

Este último ponto grava em meu paciente uma cena originária cujas formações são marcadas pela castração. Suas culpas encontram aí confirmação. O relato de seus sonhos transfere para a situação analítica, para a linguagem, para o analista, para todo o enquadre analítico, uma demanda infantil que a expressão pulsional direta da véspera tornava inacessível e que somente a atenção flutuante permite ouvir. Forma-se assim um fio que mescla as temporalidades, as lembranças da véspera e aquelas da infância, o duplo sentido das palavras, a forma mesma de seus sonhos etc.

Acompanhemos: pequeno atraso (da menstruação), esbarrar (uma reivindicação pulsional chocante), metrô (*mettre-trop = pôr demais*), barman (*barre-man=barra-homem*), clínica, (*cli-nique*)<sup>5</sup>, homem, feder, foder etc. A reivindicação anal homossexual impõe-se de maneira predominante, mas, ao mesmo tempo, transfere uma teoria sexual infantil para outra reivindicação: é por uma *esbarrada* anal que se fazem os bebês; faça-me um! Minha interpretação

---

<sup>4</sup> N.T.: Em português, como em francês, *vacância* se refere ao estado ou à condição de algo que não se encontra preenchido, que está vago. Em francês, o jogo de palavras é possível com a palavra *vacances*, que, no plural, significa *férias*.

<sup>5</sup> N.T.: *Niquer*, verbo que, na gíria, significa possuir sexualmente alguém.

dessa demanda será obviamente tomada por sêmen. Na soleira da porta, ele me diz: “Obrigado”.

Dessa vez, antecipei esse “obrigado”. Isso não me impediu, contudo, de formular a interpretação, embora eu supusesse que ela seria usada pela aspiração a uma satisfação e não no sentido de uma renúncia. Trata-se de uma interpretação a serviço do enriquecimento do pré-consciente, em proveito das realizações alucinatórias de desejo e não uma interpretação a serviço do enlutar-se. Todavia, uma primeira renúncia está envolvida nesse tipo de interpretação, pelo próprio fato de que a regra fundamental exige a manutenção da linguagem, o que não possibilita uma satisfação da mesma natureza que aquela obtida pelas imagens do sonho, mais próximas do informe da pulsão, mais próximas da conversão corporal e do gozo disfarçado que ela permite, embora satisfazendo menos do que as que provêm de uma regressão sensual do modo permitido pela sexualidade.

Essa abordagem do discurso de sessão nos colocou imediatamente no caminho dos *braços de Morfeu*<sup>6</sup>, no terreno do sono e do sonho, através da regressão formal, noção pela qual a noção de forma entra na metapsicologia freudiana. No final do capítulo VI da *Traumdeutung* (1899 [1900]), Freud diferencia claramente “a produção dos pensamentos de sonho da transformação destes em conteúdos de sonho” (p. 557). Somente esta segunda operação, a de transformação, é característica do trabalho de sonho. Freud a denomina *deformação de sonho*. Tal deformação realiza-se sob a égide de uma censura que dissimula tanto o desprazer que está na origem dos pensamentos latentes quanto as moções pulsionais inconscientes solicitadas. Ela desemboca em imagens bifaces (Janus<sup>7</sup>), que devem figurar tanto os pensamentos latentes quanto os desejos inconscientes. Seu objetivo final é possibilitar o tornar consciente.

Freud privilegia, portanto, o trabalho de deformação. Faz deste o assunto e o título de seu capítulo IV *A deformação de sonho*. Trata-se da regressão formal da linguagem às imagens segundo a lógica das charadas, com uso dos processos primários, a condensação e o deslocamento, a fim de produzir os conteúdos de sonho. Estes são, pois, produtos de um processo caracterizado por uma forma em dois tempos, o tempo da regressão formal ao polo traumático e aquele da produção de conteúdos portadores de moções pulsionais aptas a se tornarem manifestas.

No exemplo que apresentei, percebemos o papel das formas e do informe

---

<sup>6</sup> *Morphé*, em grego, significa forma. Morfeu é tanto a divindade dos sonhos como a do sono. Costuma-se considerá-lo filho de Hipnos, deus do sono, e de Nyx, deusa da noite.

<sup>7</sup> N.R.: o autor faz alusão a Jano (*Janus*, em latim), deus romano, figura de face dupla, associada a *portas* (entrada e saída), bem como a *transições*. Sua face dupla também simboliza o passado e o futuro.

na missão do trabalho de sonho, que consiste em transformar a fonte de desprazer num bônus de desejo agradável. Essa missão é cumprida por um trabalho psíquico que envolve os processos (*Vorgang*<sup>8</sup>) primários e secundários. O desenrolar desse processo (*Proceß*<sup>9</sup>) de trabalho combina dois tempos separados de um entre-dois-tempos, cuja duração é variável e imprevisível. Todos nós vivenciamos a experiência de períodos de análise preenchidos pelas lógicas traumáticas, durante os quais se relata uma série de sonhos que tentam, uns após os outros, resolver essa dimensão traumática até conseguir alcançar uma realização alucinatória de desejo que, antes, estava dificultada. A forma completa desse processo inclui uma descontinuidade, um salto para fora das formas e do informe. Ele tem um nome, o *après-coup*, *Nachträglichkeit*.

Na França, muitos analistas interessaram-se por esse processo em dois tempos (Fain, 1982; Neyraut, 1997; Sodré, 2005; Faimberg, 2007). Lacan propôs traduzir o termo alemão por *apr s-coup*. Ele o empregou para sacudir a psicanálise dos anos 1950, a fim de lhe restituir o espírito freudiano que ela havia perdido, chegando ao ponto de apresentar-se ao mundo psicanalítico como *apr s-coup* de Freud! Lacan exalta o *apr s-coup* em belíssimas frases, escrevendo, por exemplo: “O após servia de antessala para que o antes pudesse tomar posi o” [tradu o livre] (1966, p. 197). Ele também lembra que o “*Nachtr glich* ou *apr s-coup*, segundo o qual o trauma se implica no sintoma, apresenta uma estrutura temporal de uma ordem mais elevada [que a retroa o]” (1960-1964, p. 839). Mas a metapsicologia do *apr s-coup* permanecia a ser feita.

O termo alemão *Nachtr glich* significa [em francês] *porter apr s* [levar para adiante], um *apr s* que designa *vers l’avant* [para adiante ou para antes], logo, *levar para adiante/antes*. O duplo sentido das palavras em francês destaca o antes, do passado, logo, o que vem atrás, e o adiante, do futuro, portanto, o que vem à frente. Esse duplo sentido contribui para a erotiza o possível do termo. Em francês, a dimensão masoquista envolvida no processo do *apr s-coup* se faz entender de forma mais clara do que em alemão. O verbo *porter* [levar, transportar] é substituído por *coup* [golpe]. A coexcita o sexual e o masoquismo estão no cerne do *apr s-coup*.

Toda a clínica das sessões poderia ilustrar minhas palavras, seja em uma única sessão, em duas sessões sucessivas ou não, ou em duas sequências de uma análise separadas por vários anos etc.

---

<sup>8</sup> *Vorgang*: designa as opera es e um regime de funcionamento que realizam um trabalho psíquico preciso (o processo primário do trabalho do sonho).

<sup>9</sup> *Proce *: designa o desenvolvimento de um processo conduzindo a um resultado (por exemplo: o processo de desenvolvimento da criança).

## O *après-coup* e a contratransferência

Vejamos a contratransferência. Há alguns anos, coube-me apresentar uma análise que tivesse se desenrolado durante vários anos. Debruço-me, então, sobre uma ainda em andamento e reúno as anotações soltas sobre ela. Tenho em mente de maneira bem precisa a história dessa análise. Releio minhas anotações. Qual foi minha surpresa! A história que eu tenho na memória é uma reconstrução com convicção íntima muito diferente daquela que encontro nas minhas anotações. Essa grande discrepância chama-me a atenção.

Logo após a nossa decisão conjunta de iniciar a análise, com um intervalo de espera de alguns meses, minha paciente procurou outro analista, que a atendeu imediatamente para uma sessão. Depois, interrompeu suas sessões com ele para iniciar sua análise comigo na data prevista. Ela fabricou uma *análise de espera*.

No período das primeiras férias longas da análise comigo, ela se inscreveu num clube de encontros e teve um amante durante o verão, um *amante de férias*. Na minha reconstrução, eu havia deslocado esta última sequência para o início da análise. Assim, na minha memória, a paciente tivera um amante durante o período de espera. Substituí o analista de espera pelo amante de férias. Por que ter descartado o primeiro?

A paciente viera me solicitar uma análise num contexto peculiar. Ela estava em análise com um colega que eu conhecia. Certa manhã, ela chega para a sessão, entra no consultório e vai para a sala de espera; encontra o analista estendido no chão. Chama o SAMU e salva o analista, que acabara de ter um problema cardíaco. Alguns meses depois, de comum acordo, eles decidem interromper a análise e continuá-la com outro analista mais jovem. O que eu deixei de lado, sem esquecê-lo, foi, portanto, esse incidente: um analista está morrendo. A cena irônica de *um analista sendo salvo pelo paciente* serviu-me para dissimular a triste realidade.

Retomada dedutiva: o *après-coup* é a própria forma do funcionamento psíquico, forma esta que se expressa pela palavra de sessão, pela forma dos sonhos, pela contratransferência etc. Essa forma caracteriza-se por dar-se em dois tempos, devido à tendência regressiva das pulsões a voltar a um estado anterior. O *après-coup* transmite o sentimento traumático de ser mobilizado por *uma tendência ao desaparecimento*. A instauração da atemporalidade do inconsciente permite responder a esse traumático interno. Ligado à recusa noturna do tempo, o inconsciente contribui para a capacidade da psique de remontar no tempo, de realizar um rejuvenescimento, uma regeneração libidinal, pelo banho de juventude que os sonhos constituem. O *après-coup* é, portanto, determinado pela tendência ao desaparecimento, mas também pela tendência contrária, pela *tentativa de*



*inscrever o que tende a desaparecer*<sup>10</sup> (Chervet, 2009). A psique situa-se entre o desaparecer da pulsão e o epitáfio da linguagem.

Essa importância do *après-coup* como processo da constituição do pensamento é corroborada pelo fato de que a sexualidade humana se organiza de acordo com essa forma em-dois-tempos. Logo, não é espantoso que encontremos o *après-coup* presente desde os primórdios da psicanálise e que, logicamente, ele seja a matriz da própria psicanálise.

Notemos que a gênese bíblica também é construída conforme o *après-coup*. O paraíso é um *après-coup* da descoberta da diferença dos sexos. É o abrir dos olhos, o despertar do que sempre existiu, mas fora recusado como diferença traumática, obrigando a psique a criar o paraíso perdido, lugar mítico que nunca existiu, mas que designa o tempo da recusa. O reconhecimento da diferença dos sexos é um *après-coup*. Ele ocorre após um tempo de recusa e em decorrência do despertar da tendência regressiva ao desaparecer, que *reconhece* na diferença dos sexos sua concretização; falta alguma coisa.

## O advento do *après-coup* na metapsicologia

Retomemos um pouco a história da teorização do *après-coup* (Chervet, 2006). Charcot havia ressaltado a organização *em dois tempos* do aparecimento dos sintomas, sendo o primeiro tempo aquele do trauma e o segundo, o do sintoma. A parte de verdade da concepção do mestre do hospital La Salpêtrière reside no fato de ele ter denominado o *entre-dois-tempos* o tempo de *incubação psíquica*, de *elaboração psíquica*, e de não ter alinhado esse tempo como terceiro tempo aos dois outros. Charcot intuiu essa defasagem. Freud chamará esse tempo de *tempo de latência*.

Breuer, por sua vez, descobre a tendência a remontar regressivamente no tempo, a tendência espontânea à rememoração e seu efeito terapêutico. Com Anna O. ele realiza uma catarse pelo processo da retrogressão, ou seja, a rememoração e as redescobertas do acontecimento traumático, e depois a retomada do desenvolvimento a partir desse acontecimento.

Freud explora, em seguida, a genealogia dos sintomas conforme essa via reversa. Faz sua a regressão temporal e parte em busca da etiologia deles (suas *neurotica*). Substitui o choque circunstancial de Charcot por um choque chocante,

---

<sup>10</sup> Esta expressão remete a uma expressão de Camus acerca da pintura de *Balthus*: “a tentativa de manter para sempre o que já está desaparecendo” (Camus, 1949 *apud* Clair & Monnier, 1983, p. 76), in Prefácio à exposição *Balthus*, Nova Iorque, Pierre Matisse Gallery (1949).

por uma sedução transgressiva com valor de despertar excessivamente precoce da sexualidade. Concebe uma etiologia sexual, depois uma sedução sexual precoce e ainda uma sexualidade que não respeita as leis da psique e é tomada em metas transgressivas, principalmente incestuosas.

Em 1895, ano dos *Estudos sobre a histeria* (1895-[1893]), no capítulo *Proton pseudos* do *Projeto para uma psicologia científica* (1950b [1895]), Freud apresenta o caso de uma jovem mulher, a quem chama *Emma*, e descreve um processo integralmente baseado na lógica *em-dois-tempos*, mas ele inverte os tempos da semiologia (sintomatologia) em proveito dos tempos da regressão e da rememoração de sessão. Emma apresenta uma agorafobia a lojas. A reconstituição da gênese do seu sintoma traz duas lembranças inconscientes de cenas rememoradas: uma antiga, a do dono de uma mercearia, e outra mais recente, a dos empregados de uma loja. Entre as duas, a puberdade de Emma.

Freud segue a temporalidade ao inverso, a partir do sintoma. Entre o sintoma e aquilo que o determina, ele encontra um trabalho psíquico não aparente, que lhe evoca o trabalho de sonho durante o sono. Redige, então, a *Traumdeutung* (1899 [1900]). Freud pode, assim, apresentar sua teoria do sintoma. Todo sintoma é um *après-coup* póstumo, uma reminiscência. Cada lembrança de sessão revela-se um *après-coup de uma lembrança inconsciente que adquiriu, no après-coup de seu recalçamento, o valor de golpe traumático*. Disso resulta o desenvolvimento de um novo método, a *psico-análise*. Ele insere em seu método a Regra Fundamental (RFT), herdeira do esforço realizado pelo hipnotizador para vencer as resistências do hipnotizado à rememoração. A ideia de um trabalho psíquico subjacente, próprio do período *entre-dois-tempos*, completa-se por aquela de um trabalho de sessão, a perlaboração (*the working through*).

Desejando frisar esse trabalho psíquico do período *entre-dois-tempos*, Freud (1950a [1887-1902]) cunha, em sua carta a Fliess de 14 de novembro de 1897, o neologismo feminino *Nachträglichkeit*. Com Emma, ele descreve um caminho reverso composto por três acontecimentos e dois tempos de latência. Ele parte da produção manifesta do sintoma – a fobia de entrar numa loja – e, depois, segue a cena I de sessão, tempo de rememoração, a rememoração do encontro, justamente dentro de uma loja, de dois empregados do estabelecimento com um sorriso enigmático que, para Emma, evoca pensamentos inexplicáveis. Esses sorrisos têm para ela um tom claramente sexual, sedutores e angustiantes e precisa fugir deles. Emma desenvolve uma fobia a lojas.

Mas Freud não se satisfaz com essa cena de um acontecimento recente, desagradável, facilmente memorável, que é o encontro com os empregados de uma loja. Para ele, a determinação provém de um acontecimento recalçado, cujo

valor traumático depende desse recalque. Emma lhe fornece, então, outra lembrança muito mais antiga, mal memorada, que é a cena II, aquela de sua ida, quando menina, a uma mercearia, onde o dono passou a mão, por cima da roupa, em suas partes genitais. Emma conta que voltou lá uma segunda vez. A rememoração é ela mesma composta por dois tempos retrógrados.

Para Emma, os empregados da loja são, portanto, determinados por aquele merceeiro recalcado. Mas a lembrança deste exige a passagem pela lembrança dos primeiros. Em outras palavras, Emma precisa *procurar-encontrar-criar* vendedores para poder tratar essa experiência demasiadamente precoce de ter sido estimulada sexualmente pelo merceeiro. Em realidade, tenha acontecido ou não, o que importa é a verdade da psique de Emma. Assim, Emma não foi traumatizada pelos vendedores, ela foi *buscar-encontrar* esses vendedores para poder modificar a economia sexual da experiência traumática do dono da mercearia. Ela transferiu o merceeiro para os vendedores e, depois, para a análise. Com o *homem dos lobos*, Freud percebe que as sessões têm valor de *vendedores* para os pacientes, permitindo-lhes modificar a economia traumática de suas lembranças de *merceeiro*. Ele concebe, então, claramente, que não só os sonhos, mas também o discurso de sessão em seu conjunto e a própria transferência devem ser pensados de acordo com as lógicas do *après-coup*. Freud faz da sessão um terceiro *après-coup*, depois do sintoma e do sonho. Sonho, sintoma, palavra de incidência e transferência encontram-se na mesma linha de uma tentativa da psique de alcançar sua realização por um trabalho psíquico em dois tempos.

## O *après-coup* e a teorização

Esse processo do *après-coup*, com sua forma tão peculiar, pode também ser encontrado no processo de teorização. Tomemos um exemplo da obra de Freud. Em 1898, Freud nos descreve um sintoma pessoal banal da vida cotidiana, o esquecimento de um nome, o nome de Signorelli. Ele aplica seu método associativo e estuda detalhadamente a concatenação a reverso que lhe permite remontar do momento do esquecimento até o nome Signorelli, passando por outros nomes de pintores, lugares etc. Conhecemos bem esse longo caminho de ramificações, o das associações em sentido reverso, passando por Botticelli e Boltraffio e chegando ao juízo final, portanto, a uma culpa inconsciente.

Mais tarde, em 1901, no primeiro capítulo de *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901a e b), Freud retoma a questão do esquecimento dos nomes próprios e revê o caso de Signorelli. Ele nos conta, então, que, no momento do seu sintoma,

estava sob o golpe, o choque, de um anúncio traumático, a morte de um antigo paciente turco, que decidiu se suicidar após o anúncio de uma impotência médica intratável.

Em 1898, Freud não havia dado essa informação. A dimensão traumática, portanto, estava implicada no sintoma de Freud. Ela remete provavelmente tal sintoma a elementos traumáticos de sua infância, talvez à morte de seu irmão Julius. Mas cabe assinalar aqui o fato de que a concatenação associativa que permitiu fazer um caminho reverso desenrolou-se sob o manto de uma recusa temporária necessária a essa atividade psíquica regressiva e passiva. Encontramos o modelo do sonho e da recusa instalada durante o adormecimento para que o sonho possa tomar seu lugar.

É somente num segundo tempo, após um longo desenrolar no espaço regressivo, que Freud consegue, como o sonhador depois de despertar, reintegrar a dimensão traumática recusada. Ele pode, então, nos dar um belo exemplo de facilitação regressiva realizada sob o manto da recusa daquilo que desencadeou o distúrbio.

Freud atua assim uma elaboração metapsicológica sob a forma do *em-deois-tempos*. Desse exemplo, podemos ainda deduzir uma teoria da interpretação em dois tempos, com um primeiro tempo de substituição e um segundo tempo de resolução. A forma descontínua do *après-coup* impede que reine uma interpretação formatada e uma previsibilidade pré-formada. Surge evidentemente uma questão relativa aos momentos de análise em que um paciente é mobilizado por uma neurose traumática atual, uma denegação ou uma organização de personalidade. Assistimos, então, à tentativa de realizar o *après-coup*, repetitivamente abortado em proveito da repetição dessa tentativa.

## **O *après-coup* e o umbílico da interpretação**

Para ilustrar essa imprevisibilidade da interpretação ligada à forma do *après-coup*, vamos rever o conhecido sonho do restaurante. Esse sonho encontra-se na obra de vulgarização que Freud (1901c) redigiu, *Über den Traum (Du rêves, OCF.P)*. É o único sonho que não está na *Traumdeutung* (1899 [1900]). Refere-se às relações de Freud com sua esposa, Martha.

O sonho: “Em companhia, à mesa ou num restaurante... Comeu-se espinafre... A senhora E.L. está sentada ao meu lado, vira-se constantemente para mim e apoia familiarmente a mão no meu joelho. Afasto a mão num gesto defensivo. Ela diz então: E, no entanto, você sempre teve olhos bonitos... Vejo,

então, sem clareza, algo como se fossem olhos desenhados ou o contorno de um par de óculos” (Freud, 1901c, p. 23). Freud usa esse sonho para nos levar a não confundirmos conteúdo manifesto e conteúdo latente e a deixarmos as ideias incidentes fluírem para que se possa passar de umas às outras.

Ele evoca diversas brincadeiras da véspera sobre o dinheiro, as dívidas, o temor de não receber pelo que paga, nem pelo que merece, tanto no táxi quanto nos restaurantes. Prossegue, falando de uma lembrança de ciúmes de algumas semanas atrás, uma cena num restaurante em que se “irritou muito com sua cara mulher”. Martha se teria mostrado insuficientemente *reservada* em relação a alguns vizinhos de mesa. “Pedi que se interessasse mais por mim do que pelos estranhos. De novo, era como se no restaurante eu não tivesse recebido o que merecia”.

A interpretação imediata é que Freud tem em vista outra mulher, o desejo de ter uma aventura. Apresentar sua mulher como infiel o autoriza plenamente, portanto, a prosseguir em seus próprios desejos. Ele cria o pretexto para dispor da última palavra. Essa interpretação é uma leitura quase direta do conteúdo manifesto que despreza o trabalho de deformação. A regressão associativa não inclui sua infância.

Freud recorda-se de outra cena quase idêntica àquela do sonho a qual aconteceu entre Martha e ele no início da relação do casal. Outra interpretação, desta vez, nostálgica: ah, os bons velhos tempos findos do estado amoroso, da exclusividade! Ele retoma a mesma cena em 1901, em *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901a), evoca o esquecimento sistemático dos detalhes sobre Martha e liga esse fato ao “respeito” que tem por ela. Ele também é “reservado” (p. 225-226).

A correspondência de Freud com Martha nos fornece outras aberturas. Ainda não foi publicada em francês e faz parte das cerca de 20 a 30 mil cartas da correspondência de Freud (Molnar, 2007). Segue uma ampliação do contexto desse sonho. Numa análise, as cartas são substituídas pelas sessões sucessivas, com a diferença essencial de que chegam com outros sonhos. Ficamos sabendo que, durante o noivado, Freud e Martha enfrentaram a maior das desavenças que tiveram desde o início de sua relação. O desentendimento que poderia tê-los levado a consumarem o rompimento deveu-se a uma história de dinheiro envolvendo o irmão de Martha, personagem que Freud considerava um escroque. Freud preocupava-se com o dote de Martha, que estava nas mãos do futuro cunhado. Martha tomou o partido do irmão contra o noivo.

O sonho realiza, então, o desejo de ter uma mulher que o confronte com uma inveja objetual, enquanto que, nessa história, Martha o priva desta, em proveito de uma rivalidade edípica através de seus amores de infância. Mas o que faz

Freud sonhar são, obviamente, seus próprios desejos regressivos de criança, despertados por essa cena e delegados a Martha. Ele, que está descobrindo sua constelação edípica, critica Martha por não ter renunciado a seus próprios objetos edípicos, despertando assim suas aspirações transgressivas pessoais.

Esse exemplo nos lembra, assim como o de Signorelli, que a interpretação psicanalítica se faz em dois tempos, o tempo do caminho regressivo, depois o da retirada da recusa. Ele nos ensina, além disso, que toda interpretação se insere em duas lógicas, a da inscrição, que se amplia infinitamente à medida que se enriquece o contexto associativo, e a lógica contrária, a da tendência a fugir de qualquer enunciação. A forma descontínua do *après-coup* está na origem desse ponto de fuga, dessa replicação, desse umbílico do sonho, umbílico de qualquer interpretação e teorização, que sempre nega, por sua própria existência, o fato de serem habitadas por aquilo que tende a fazê-las desaparecerem, mesmo quando fazem dessa aspiração seu objeto. □

## Abstract

### **The *après-coup*, form and formless in dream work and the constructions of unconscious. Regression to formless and the manufacturer of forms**

The author - through his personal clinical experiences or through some material extracted from Freud's work, including his correspondence - follows the formal regression of speech in the session as well as the one that appear in dream reports. This psychic regressive activity of passivity is opposite to a sensual regression with no form and facilitates the encounter with the formless of the representations of thing, which are typically malleable. The contact point between the regressive forms that arise from the deformation of the dreams work and the formless of pulsional representatives, constructs the pot of an infinite potentiality of psychic formations. From the confrontation with the tendency of drives to get back to a previous state, to avoid the pair form-formless in order to reach the non-form of the amorphous, libidinal regeneration and retention is produced. The psyche then becomes a libido reservoir and a manufacturer of forms. Secondary transformations will turn it possible for the latter to be presented to conscience. This investments orientation towards the object brings to a bonus of desire sensible to the forms of the world, apt to accommodate itself according to those forms and to create new ones.

Keywords: *après-coup*, formal regression, superego, psychic formations, dream work, *après-coup* work, bonus of desire.

## Resumen

### **El *après-coup*, la forma y lo informe en el trabajo del sueño y las formaciones inconscientes. La regresión a lo informe y la fábrica de formas**

A partir de secuencias clínicas personales o extraídas de la obra de Freud, incluyendo su correspondencia, el autor sigue la regresión formal del habla en sesión y del relato de los sueños. Esa actividad psíquica regresiva de la pasividad se opone a una regresión sensual sin forma y permite el encuentro con lo informe de las representaciones de cosa, caracterizadas por su maleabilidad. El punto de contacto entre las formas regresivas provenientes del trabajo de deformación de sueño y lo informe de los representantes pulsionales funda un caldero de una potencialidad infinita de formaciones psíquicas. Del confronto con la tendencia propia de las pulsiones que retornan a un estado anterior, al huir del par forma-informe para alcanzar la no forma del amorfo, se produce una regeneración y una retención libidinal. La psique se hace entonces reserva de libido y fábrica de formas. Transformaciones secundarias harán estas últimas presentables a la consciencia. Esa orientación de las inversiones para el objeto lleva a un bono de deseo sensible a las formas del mundo, apto a modelarse conforme ellas y a crear nuevas.

Palabras clave: *après-coup*, regresión formal, superyó, formaciones psíquicas, trabajo de sueño, trabajo del *après-coup*, bono de deseo.

## Referências

- Chervet, B. (2006). L'après-coup, prolégomènes. *Revue Française de Psychanalyse*, 70 (3) : 671-700
- Chervet, B. (2007). La lumière du rêve et la parole d'incidence. In *Le rêve et la séance*. Paris : PUF, « Monographies et débats de la psychanalyse », 217 p.
- Chervet, B. (2009). L'après coup. La tentative d'inscrire ce qui tend à disparaître. *Revue Française de Psychanalyse*, 73 (5) : 1361-1441.
- Clair, J. & Monnier, V. (1983). *Balthus. Catalogue raisonné de l'oeuvre complet*. Paris: Galerie Beaubourg.
- Faimberg, H. (2007). A plea for a broader concept of Nachträglichkeit. *Psychoanalytic Quarterly*, 76 (4) : 1221-1240.
- Fain, M. (1982). Biphassisme et après-coup. In J. Guillaumin (dir & préf.), *Quinze études psychanalytiques sur le temps : traumatisme et après-coup* (pp. 103-124). Toulouse : Privat.
- Freud, S. (1895-[1893]). *Etudes sur l'hystérie*. Paris : PUF, 1967, 256 p.

- Freud, S. (1898). Sur le mécanisme psychique de l'oubliance. *Oeuvres complètes de Freud / Psychanalyse* (Tome 3, pp. 243-251), Paris : PUF, 1989.
- Freud, S. (1899 [1900]). Die Traumdeutung, trad. : L'interprétation du rêve, *Oeuvres complètes de Freud / Psychanalyse* (Tome 4), Paris : PUF, 2003, 759 p.
- Freud, S. (1901a). *La psychopathologie de la vie quotidienne*, trad. fr. S. Jankélévitch, Paris : Payot, 1969 ; *GW*, IV.
- Freud, S. (1901b). L'oubli des noms propres. In *La psychopathologie de la vie quotidienne*, Paris : Gallimard, 1997.
- Freud, S. (1901c). *Le rêve et son interprétation*, trad. fr. H. Legros, Paris : Gallimard, 1985 ; *GW*, I-II.
- Freud, S. (1920). Au-delà du principe de plaisir, *Oeuvres complètes de Freud / Psychanalyse* (Tome 15, pp. 277-338), Paris : PUF, 1996.
- Freud, S. (1938 [1940]). *Abrégé de psychanalyse*. Paris : PUF, 1950, 84 p.
- Freud, S. (1950a [1887-1902]). *La naissance de la psychanalyse: lettres à Wilhelm Fliess : notes et plans*, trad. Fr. A. Bermann, Paris : PUF, 1991.
- Freud, S. (1950b [1895]). Esquisse d'une psychologie scientifique. In *La naissance de la psychanalyse, lettres à Wilhelm Fliess*. Paris : PUF, 1956 ; *GW* : Nachtragsband, 1987.
- Lacan, J. (1960-1964). Position de l'inconscient. In *Écrits*, Paris: Seuil, 1966.
- Lacan, J. (1966), Introduction à « Le temps logique et l'assertion de certitude anticipée ». In *Écrits*, Paris: Seuil, 1966.
- Molnar, M. (2007). Etat présent des correspondances freudiennes. In S. Michaud (Dir.), *Correspondances de Freud*. Paris Sorbonne Nouvelle.
- Neyraut, M. (1997). Le sens de l'après-coup. *Revue Française de Psychanalyse*, 61 (4) : 1247-1254.
- Sodré, I. (2005). «As I was walking down the stair, I saw a concept which wasn't there...»: or, après-coup: a missing concept?, *International Journal of Psycho-Analysis*, 86 (1): 7-10.

Recebido em 05/05/2014

Aceito em 10/12/2014

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão técnica de **Kátia Ramil Magalhães**

**Bernard Chervet**

16 Rue Jacques Callot

75006 – Paris – France

39 Rue du Professeur Florence

69003 – Lyon – France

e-mail : bernard@chervet.fr

© *Fédération Européenne de Psychanalyse*

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA